

# A insistência da cordialidade

Robert Wegner observa como o homem cordial segue firme e forte no Brasil, numa sociedade hierárquica e que resiste a encarar e combater as desigualdades

Por João Vitor Santos

O cientista social Robert Wegner destaca que Sérgio Buarque de Holanda escreve *Raízes do Brasil* no contexto de um Brasil dos anos 30, vindo de uma sociedade baseada em três pilares: latifúndio, monocultura e escravidão. A abolição da escravidão, em 1888, faz esses pilares balançarem, mas os efeitos só são sentidos no tempo de Sérgio. É quando, segundo Wegner, tem-se a impressão de que a democracia política ou democracia social chega para ficar. Mas é só impressão, na verdade é um problema ainda não resolvido. “No Estado Novo tivemos avanço nos direitos sociais sem democracia política e sem garantia dos direitos civis. Durante o governo JK, tivemos uma sociedade democrática, com direitos civis e direitos políticos, incapaz de realizar a reforma agrária defendida pela esquerda e pelos liberais”, contextualiza o cientista, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

E, de lá para, analisa Wegner, persiste a dificuldade da sociedade brasileira em “conciliar liberdade e igualdade”. “Para Sérgio Buarque, o *homem cordial* não caiu do céu”, completa o professor, ao lembrar que é nesse caldo que

emerge o conceito desse sujeito enraizado na hierarquização e pouco preocupado com as desigualdades.

Na perspectiva de Wegner, o preço pelo fato de o Brasil não resolver esse problema é a perpetuação do *homem cordial* na sociedade e na política nacional. “O caso mais recente foi o do ministro do governo, Geddel Vieira, a justificar as pressões feitas sobre o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero”, exemplifica. É assim, segundo Wegner, que o Brasil segue como “uma sociedade hierárquica, vale dizer, cordial”.

Robert Wegner é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, realizou seu mestrado e doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. É pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. É professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - COC/Fiocruz. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, é professor do Departamento de Ciências Sociais e do Departamento de História.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - No que a leitura de *Raízes do Brasil* pode inspirar a pensar o Brasil de 2016?**

Robert Wegner - *Raízes do Brasil* nunca é o mesmo livro. Em primeiro lugar, em um sentido mais concreto, poucos livros passaram por tantas mudanças. Sérgio Buarque fez diversas modificações no texto desde a primeira edição, de 1936, até a 5ª edição, de 1969. Estas mu-

danças e os sentidos delas geram uma série de debates entre os estudiosos da obra de Sérgio Buarque de Holanda e os estudiosos dos intérpretes do Brasil em geral. Finalmente, no ano em que completa 80 anos, graças à iniciativa de Lilia Schwarcz e Pedro Monteiro, *Raízes do Brasil* ganhou uma edição crítica onde aparecem todas essas mudanças.

Em segundo lugar, em sentido mais geral, iria dizer mais abstrato, *Raízes do Brasil* continua se modificando. Quer dizer, todos os livros mudam a partir da experiência concreta da leitura. Como os leitores mudam, os livros nunca são os mesmos. Mas acredito que vivenciamos isso com *Raízes do Brasil* de modo mais radical. Como ele foi escrito como um ensaio que fazia perguntas para as quais não



## Meu palpíte era que a intenção de Sérgio era a inversa. Não tratar o homem cordial como algo estanque

dava respostas fechadas, seus comentários podem sempre ser articulados de novas maneiras, mais ou menos como acontece quando você balança um caleidoscópio.

**IHU On-Line - Desde as perspectivas das Ciências Sociais, qual o legado de *Raízes do Brasil*?**

**Robert Wegner** - Falando do ponto de vista estritamente conceitual, nenhum. Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro autor a citar a obra de Max Weber<sup>1</sup> no Brasil e o primeiro a utilizar tipos ideais weberianos para pensar o Brasil, como o “patrimonialismo”. Além de autores alemães, Sérgio conhecia bem sociólogos norte-americanos. Então ele articula conceitos de todos esses autores.

Mas a verdadeira contribuição dele é menos conceitual do que a de propor o exercício de pensar o Brasil com Weber. Na tese clássica de Weber, nas suas origens, o capitalismo moderno tem uma afinidade eletiva com o protestantismo, que provocou uma revolução interior nos seus crentes. A partir

<sup>1</sup> **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-5-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon101>. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação** nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo* disponível em <http://bit.ly/ihuemo3>. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Revisitando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

da conversão, o protestante passa a fazer uma distinção entre o mundo exterior e o mundo interior, decide moldar o seu mundo interior a partir dos desígnios de deus e, a partir disso, transformar o mundo exterior a sua imagem e semelhança. A personalidade moldada a partir daí, na bigorna de deus, era a que estava apta para se submeter ao ideal de neutralidade científica acima dos sentimentos, transformar a natureza a partir da tecnologia produzida pelo homem e submeter-se a leis abstratas colocadas acima dos seus interesses.

O “homem cordial”, para Sérgio Buarque, diz respeito a nós, brasileiros e brasileiras, que não passamos por aquela revolução interior protestante. E o livro é uma reflexão sobre o que seria da nossa sociedade, que tentava seguir o modelo do capitalismo ocidental, mas que seus indivíduos não estariam aptos a fazer ciência, não tinham interesse em transformar o mundo pelo trabalho e não viam porque deveriam se submeter a leis abstratas e abrir mão das suas vontades imediatas. Que tipo de capitalismo poderia surgir a partir daí?

**IHU On-Line - Em sua obra, Holanda fala de um Brasil do século XIX que estaria em franca desintegração. Como compreender essa desintegração que analisa e em que medida é possível associar ao atual momento político, econômico e social do país?**

**Robert Wegner** - Para Sérgio Buarque, toda a sociedade brasileira, sua economia e suas instituições políticas, estava baseada no tripé latifúndio, monocultura e escravidão. No decorrer do século XIX

e especialmente com a abolição da escravidão, em 1888, esta sociedade não seria mais a mesma. Sérgio Buarque escreve na década de 1930, quando, para ele, estas mudanças estavam sendo vivenciadas de modo mais definitivo. Entre 1889 e 1930, durante a primeira república, a estrutura da sociedade brasileira não se modificou tanto, mas a partir de 1930, sim.

De lá para cá, parece que temos ou democracia política ou democracia social. Por exemplo, no Estado Novo<sup>2</sup> tivemos avanço nos direitos sociais sem democracia política e sem garantia dos direitos civis. Durante o governo JK<sup>3</sup> tivemos uma sociedade democrática, com direitos civis e direitos políticos, incapaz de realizar a reforma agrária defendida pela esquerda e pelos liberais. Nossa dificuldade é conciliar direitos civis, direitos políticos e direitos sociais. Dificuldade de conciliar liberdade e igualdade.

**IHU On-Line - É possível afirmar que o *homem cordial* enfraquece as instituições democráticas? Por quê?**

**Robert Wegner** - Sim. Conceitualmente, o *homem cordial* é aquele que não vê porque deveria se submeter a leis que valham para todos igualmente, a seguir normas burocráticas, a distinguir o bem público dos interesses privados. Não é possível que instituições democráticas funcionem desse modo.

<sup>2</sup> **Estado Novo**: Período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Juscelino Kubitschek de Oliveira** (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Juscelino instituiu o plano de governo baseado no slogan “Cinquenta anos em cinco”, direcionado para a rápida industrialização do País (especialmente via indústria automobilística). Além do progresso econômico, no entanto, houve também um grande aumento da dívida pública. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon166>. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - Que *homem cordial* vive hoje no cenário político brasileiro?**

**Robert Wegner** - O caso mais recente foi o do ministro do governo, Geddel Vieira<sup>4</sup>, a justificar as pressões feitas sobre o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero<sup>5</sup> para que intervisse na decisão técnica do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico - IPHAN e liberasse a construção de um prédio de 30 andares perto do centro histórico de Salvador. Em primeiro lugar, é

4 **Geddel Quadros Vieira Lima** [Geddel Vieira Lima] (1959): administrador de empresas, pecuarista, cacauicultor e político do PMDB nascido na Bahia. Ex-deputado federal eleito cinco vezes consecutivas (mandatos de 1991 a 2011), licenciou-se da função parlamentar entre 2007 e 2010 para exercer o cargo de ministro da Integração Nacional do governo Lula. Vice-presidente de Pessoa Jurídica da Caixa Econômica Federal entre 2011 e 2013. Foi diretor da corretora do Banco do Estado da Bahia (Baneb), entre 1983 a 1984, assessor da Casa Civil da prefeitura de Salvador, entre 1988 e 1989, diretor da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), em 1989, e presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) da Bahia, em 1990. Em maio de 2016, o então presidente interino Michel Temer convidou Geddel para o posto de ministro-chefe da Secretaria de Governo. Em novembro de 2016, se envolveu no episódio que culminou na saída do então ministro da Cultura, Marcelo Calero, que alegou receber pressão de Geddel para liberar um empreendimento imobiliário na Bahia cuja obra foi embargada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), subordinado ao Ministério da Cultura. Geddel comprou um apartamento neste empreendimento e nega a acusação. Depois da repercussão do caso, Geddel acabou deixando o cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Marcelo Calero Faria Garcia** (1982): diplomata brasileiro, graduado em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Foi ministro da Cultura do governo Michel Temer. Foi secretário de Cultura da prefeitura do Rio de Janeiro e presidente do Comitê Rio 450, órgão criado pelo governo municipal para organizar a celebração do 450º aniversário da cidade. Deixou a secretaria para assumir a Secretaria de Cultura do Ministério da Educação no início do governo Temer e que, depois de pressão, retomou o status de ministério (MinC). Em 18 de novembro de 2016, pediu demissão do cargo de ministro da Cultura em decorrência de divergências com membros do governo Michel Temer, especialmente Geddel Vieira Lima, titular da Secretaria de Governo, que estava pressionando para obter a liberação de um empreendimento imobiliário em Salvador. Geddel comprou um apartamento neste edifício. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão subordinado ao Ministério da Cultura, embargou a obra. (Nota da **IHU On-Line**)

claro que Geddel argumentou que estava agindo em nome de um bem geral, em nome do desenvolvimento econômico que beneficiaria a todos, mas trata o fato de que ele seria diretamente favorecido como um mero detalhe. Mais eloquente do que as suas palavras, é a naturalidade com que as pronuncia. Em segundo lugar, ele naturaliza o fato de ter tentado modificar uma decisão técnica de um órgão do Estado.

“  
**O tiro de misericórdia só podia – ou só pode – ser dado por um ato político dos cidadãos**

Para além do momento político e do apoio que a grande imprensa tem dado ao governo Temer, chama a atenção para o fato de que ela não venha dando grande importância ao caso. É como se fosse esperado de um político que fizesse isso. A imprensa não abandonou o caso por causa dos desdobramentos, mas a questão em si, do uso da influência do cargo público para benefício privado, parece não ter sido suficiente, em si mesmo, para reprová-lo.

Se fosse aprofundar o caso, no que diz respeito à imprensa, teria que diferenciar, por exemplo, como a *Folha de S. Paulo* e *O Globo* têm tratado do caso.

**IHU On-Line - Qual a importância de pensar na formação cultural para compreender movimentos políticos e econômicos de um país?**

**Robert Wegner** - Este tipo de exercício tem sido muito criticado nas Ciências Sociais contemporâneas, que costuma ser chamado, pejorativamente, de “culturalismo”. Contudo, embora ache muito difícil fazer isso, considero uma tarefa

fundamental, perceber como a cultura afeta a política e a economia e como estas modificam constantemente a cultura.

O perigo é tratar a cultura como algo estanque. Um dos primeiros críticos de *Raízes do Brasil* e do conceito de *homem cordial*, Dante Moreira Leite<sup>6</sup>, apontava para um paradoxo: o conceito de cultura veio se gestando desde fins do século XIX e foi bem sucedido no século XX substituindo as explicações racialistas e biologizantes. Contudo, para ele, o conceito de cultura pode se tornar tão estanque quanto o antigo conceito de cultura. É preciso ficar atento para não fazer isso.

O próprio Sérgio Buarque chegou a dizer, diversas vezes, que caiu nessa armadilha. Mas podemos fazer uma leitura muito mais dinâmica do seu livro.

**IHU On-Line - A partir de *Raízes do Brasil*, o que podemos analisar sobre as desigualdades do Brasil?**

**Robert Wegner** - Para Sérgio Buarque, o *homem cordial* não caiu do céu. A explicação sociológica para sua origem era o mundo rural baseado no latifúndio, na escravidão e na monocultura, que gerou a grande família patriarcal, na qual o pai era o senhor que regia seus agregados, sua grande família, a partir dos seus interesses arraigados e das suas caprichosas vontades, a partir dos impulsos do coração. Esta era a gramática que todos, inclusive as mulheres, os filhos, escravos, homens livres aprendiam a falar. Ou seja, o que estruturava esta sociedade que dá origem à cordialidade é uma pro-

6 **Dante Moreira Leite** (1927-1954): pesquisador, poeta e tradutor brasileiro. Produziu inúmeros artigos, poemas, e traduções que se consagrariam, anos mais tarde, e ainda auxiliam e influenciam a Psicologia Social no Brasil, dos quais destacam-se os manuais de Krech e Crutchfield, Anne Anastasi e Coleman. Entre os livros teóricos traduzidos, estão os de Heider, Asch e Baldwin, dentre tantos. Dante Moreira Leite buscou, também, expandir o restrito vocabulário especializado em Psicologia até então aqui conhecido, em idos de 1970. (Nota da **IHU On-Line**)

funda desigualdade e a naturalização de hierarquias sociais.

Falar de cordialidade hoje, no mundo rural e no mundo urbano, nas classes médias, é falar na resistência à diminuição das desigualdades sociais. Não se deve reduzir a oposição aos governos do PT a isso, pois há muitos outros motivos para ser crítico aos anos Lula e Dilma: a corrupção mesmo e o modelo de desenvolvimento completamente desantestado de qualquer preocupação ambiental. Os governos do PT foram desenvolvimentistas com 50 anos de atraso. Contudo, um dos elementos que saltaram aos olhos ao observar a oposição aos governos petistas, seja nas manifestações de rua seja nas redes sociais, foi um incômodo muito grande à redução das desigualdades. Acho que isso explica um pouco o tom raivoso de uma parcela muito grande da oposição.

O Brasil é uma sociedade hierárquica, vale dizer, cordial. Sem o combate à desigualdade, que pode ser feita por outros governos e de outros modos, não é possível uma sociedade liberal e democrática.

**IHU On-Line - O senhor já considerou *Raízes do Brasil* "Um ensaio entre o passado e o futuro"?** Mas, no Brasil de hoje e iluminado pela obra, que futuro é possível vislumbrar?

**Robert Wegner** - Quando escrevi este ensaio sobre o ensaio, estava começando a vislumbrar a ideia que Sérgio Buarque estava escrevendo um livro dirigido às classes médias urbanas, pensan-

7 WEGNER, Robert. "Um ensaio entre o passado e o futuro". In Lília Moritz Schwarcz e Ricardo Benzaquen de Araújo (Orgs.). *Raízes do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp.335-364. (Nota da **IHU On-Line**)

do mais na dinâmica da sociedade do que na organização do Estado. É bom lembrar que, até a década de 1930, as interpretações do país eram formuladas sempre com a intenção de propor uma determinada forma de organização política. *Casa Grande & Senzala*<sup>8</sup>, publicado por Gilberto Freyre<sup>9</sup> em 1933, rompe com isso. O livro de Sérgio, três anos depois, também.

Contudo, diferentemente de *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* discute muito os movimen-

8 **Casa Grande & Senzala** (1933): escrita pelo escritor, professor, conferencista e deputado federal Gilberto Freyre, a obra *Casa Grande & Senzala* pensa as bases da organização social brasileira e o papel da colonização portuguesa nesse processo. É considerada uma das mais importantes obras de Freyre e já lança os primeiros fundamentos da ideia de Lusotropicalismo – o entendimento de que a mestiçagem é uma característica inata do modo de ser português. Freyre foi o primeiro estudioso na sociologia moderna que resgatou o "mito do paraíso racial", o reconstituindo a partir de um viés científico, tornando-se um dos principais responsáveis pela legitimação científica da ideia da harmonia entre raças no Brasil. A essa conjuntura, o pesquisador acrescenta o caráter hierárquico, mas não político, entre as diferentes raças, o qual também, para o estudioso, não impediria a harmonia racial. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobra-do. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**).

9 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobra-do. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

tos políticos, desde o integralismo e o comunismo até o liberalismo, passando pelos católicos. No entanto, no fecho do livro, Sérgio Buarque não se define. As resenhas da época eram quase unânimes: Sérgio teria descrito magnificamente bem a psicologia social do brasileiro, como se dizia na época, mas teria falhado em apresentar uma solução política que se adequasse àquela.

Meu palpite era que a intenção de Sérgio era a inversa. Não tratar o *homem cordial* como algo estagnado e se perguntar qual arquitetura política poderia desenhar a sua morada. Mas se dirigir às classes médias urbanas dizendo mais ou menos assim: vocês provêm do mundo rural patriarcal, que é a fonte da cordialidade. Agora, diante das rápidas transformações pelas quais está passando o Brasil, o que vocês querem fazer daquilo que o mundo patriarcal fez de vocês? Os anos 1930 traziam esta oportunidade de redefinição. Ao mesmo tempo em que a descrevia, Sérgio Buarque estava colocando a cordialidade em questão.

Mais tarde, Sérgio Buarque veio a dizer que o *homem cordial* era um defunto. Mas penso que o tiro de misericórdia só podia - ou só pode - ser dado por um ato político dos cidadãos. Por isso que *Raízes do Brasil* é um livro em aberto. Sua interpretação depende da nossa atitude no mundo da política.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Robert Wegner** - A cordialidade continua boa para pensar o Brasil, mas há futuros possíveis para além dela. ■

## LEIA MAIS

– *Raízes do Brasil: uma obra aberta que convida para o diálogo*. Entrevista com Robert Wegner, publicada na revista **IHU On-Line** número 205, de 20-11-2006, disponível em <http://bit.ly/2fgtcmX>.